

## UM OLHAR PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA ATRAVÉS DO CINEMA

Autora: Raquel Cristina Coelho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa Moreira Viana.

*Universidade Federal Fluminense, quelccoelho@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo investigar os componentes das narrativas históricas e das narrativas cinematográficas, tendo por base filmes sobre a África. Entre os temas em análise estão: o papel da narrativa, partindo da subjetividade da escrita histórica e cinematográfica e a questão da aplicação da legislação vigente sobre o ensino de história da África. Ao mesmo tempo é necessário compreender a história do cinema e sua inserção como material de análise para historiadores / professores. Sendo assim, a relação cinema e história precede uma busca por interpretação das várias formas de narrativas, o que diretamente está ligada a temporalidade, ou seja, a influência do presente na escrita tanto da narrativa histórica quanto da cinematográfica. O estudo não deixa de lado o papel do professor de história e seu trabalho com filmes em sala de aula, buscando expor as principais questões que devem ser levantadas na escolha de uma obra cinematográfica para a utilização em sala de aula. É nesse universo que interliga a narrativa histórica e cinematográfica e que evoca memórias literárias sobre a África, trabalhando imagens e debatendo o porquê desse estudo, que o presente artigo pretende criar um ambiente de respeito às diferenças, de tolerância e valorização da história.

**Palavras-chave:** Narrativa, História, cinema, África.

## Introdução

O cinema pode ajudar a compreender o discurso criado sobre a África e mudá-lo? Partindo deste questionamento e tendo como objetivo repensar a história da África com relação ao que conhecemos hoje sobre o continente, o presente artigo tentará trabalhar os aspectos ligados à disciplina História como Diferença, proposta pelo Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória).

Dialogado com autores como Kabengele Munanga, Mauro Cezar Coelho, Wilma de Nazaré Baia Coelho entre outros que foram essenciais no debate sobre História como Diferença. Alguns dos autores trazem a questão da história como diferença para o viés da legislação. Tendo a LDB 9.394/96 como ponto de partida, que possibilitou as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e a ampliação dos debates sobre: a pesquisa e a formação de pesquisadores e professores.

A legislação nos remete também às lutas e conquista dos movimentos sociais, para que tivéssemos em nossa Educação Nacional o resgate de temas que foram deixados de lado na historiografia brasileira, se não foram deixados de lado pelo menos não tiveram, dentro da educação nacional, o devido reconhecimento e abertura para pesquisa durante muitos anos<sup>1</sup>.

Parece, para quem está de fora da pesquisa e da participação social, que ao falar de Brasil estamos incluindo também a história dos povos indígenas, a história da África e claro a contribuição de cada etnia na construção de nossa sociedade. Vivemos por muitos anos com esse "mito". Penso que seria o nosso "mito fundador"<sup>2</sup> da sociedade brasileira, que é o mito da democracia racial brasileira<sup>3</sup> ou o "mito da três raças". Porém um olhar mais atento e com foco na história nacional revela que a criação de tal pensamento se dá a partir do século XIX e ganha força na primeira metade de século XX apoiado, muitas vezes, na literatura, na biologia e em outras áreas da ciência. Porém só contribuiu para que determinados modelos de sociedade, como o modelo europeu, fossem o referencial e mascarou o racismo em nosso país.

Ao pesquisar um pouco mais sobre o nosso passado podemos repensar como foi o nosso aprendizado sobre História do Brasil partindo de alguns questionamentos: Quais personagens ganharam destaque? Quais estereótipos foram perpetuados com o passar do

<sup>1</sup> Ver: KABENGELE, Munanga. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Brasil, n. 62. 2015, p. 20-31.

<sup>2</sup> "Um mito fundador é aquele que não cessa em encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo" (CHAUI, 2000 apud LEITE, 2005, p. 15).

<sup>3</sup> O antropólogo Kabengele Munanga retrata bem esse tema em sua entrevista para a Revista Fórum "Nosso racismo é um crime perfeito". Texto disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>. Acesso: 09/08/2018.

tempo? Qual visão de país foi sendo moldada? Entre outros temas que podem e devem ser repensados. Não precisamos de muito esforço para começar a ver o quanto essa análise é importante, é só observar os debates políticos atuais, as falas de cidadãos que pretendem representar a nação brasileira no cenário internacional e já teremos amplo material para analisar.

Sendo assim, por que uma história da diferença? Por que a necessidade de uma legislação para que tal história seja contemplada? Há muitas maneiras de responder, já temos uma pista quando pensamos nas entrevistas dadas por alguns candidatos à Presidência, o que nos faz pensar qual será a nossa perspectiva de futuro? Ressalto aqui o pensamento do professor Durval Muniz sobre como pensar a história:

A história deve deixar de ser apenas um discurso sobre o passado ou sobre o futuro, para se debruçar sobre o presente, descobrindo este presente de multiplicidade espaço-temporal, pensando os vários passados que se encontram entre nós, e os vários futuros que se pode construir (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 347).

E pensando na atuação do professor de História, na qual estou diretamente inserida, e na formação dos alunos na Educação Básica é urgente que venhamos a discutir essas diferenças presentes em nossa multiplicidade espaço-temporal. E é nesse contexto de discussão e pesquisa que estaremos trabalhando o discurso cinematográfico sobre a temática História da África.

Dentro desse tema não há como deixar de pensar as mudanças ocorridas na história da disciplina, ou seja, na história do ensino de História que é uma área que nos ajuda entender um pouco mais como se deu a construção dos currículos, a construção da LDB em diferentes períodos históricos do país (cada qual apoiado no discurso e nos interesses econômicos, políticos internos e externos de sua época, há que salientar que não há neutralidade nesses documentos), sendo que o nosso foco está na elaboração da Lei 9.394/96, a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, já decorrente de mudanças na sociedade e fruto da redemocratização nacional.

É a partir da LDB 9.394/96 e apoiado em todos os debates, pesquisas e transformações que chegam ao país como temas ligados à Nova História que passamos a ter espaço para a discussão sobre as diferenças, conforme disposto no artigo 26<sup>4</sup>, que já foi por

---

<sup>4</sup> Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

diversas vezes alterado, porém as alterações trouxeram ganhos, no que diz respeito ao ensino de História da África, algo transformador na educação nacional, ou como coloca Kabengele (2012) "A primeira coisa é formar os educadores, orientar por onde começou a cultura negra no Brasil, por onde começa essa história". E sendo assim, a formação do professor e a elaboração de pesquisas e material destinados ao trabalho docente, compõem as estratégias para a mudança no que diz respeito ao combate ao racismo e a intolerância.

O próprio Kabengele fala em sua entrevista sobre a diversidade do continente africano, muitas vezes retratado como algo único, sem as referidas distinções de etnias. Nossos alunos quando são perguntados sobre África costumam ter em mente a figura dos animais, a pobreza, as doenças e se adentrarmos no campo religioso o que prevalece é a intolerância e visão de feitiçaria com que tratam o assunto e não é diferente quando falamos dos povos indígenas. Outros autores possuem a mesma opinião:

[...] para muitos a África constitui uma unidade vinculada ao passado, habitada por animais, homens e mulheres pobres e doentes; alguns marcadores geográficos, como o Saara ou o rio Nilo, por exemplo, não são reconhecidos como africanos; eventos históricos recentes, como os processos de independência, são quase que totalmente desconhecidos. Mesmo se considerarmos a cultura afro-brasileira, são comuns confusão de ordem conceitual: noção de que cultura se resume às manifestações artísticas ainda é frequente, assim como a ideia de que foi estritamente "cultural" a contribuição africana à formação da nacionalidade. (COELHO; COELHO, 2015. p. 295)

Tudo isso nos remete a nossa falta de conhecimento sobre o tema e a tentativa de apagamento da história africana que foi sendo elaborado com o passar dos anos, dos séculos. Reginaldo Prandi nos mostra que:

Uma vez em terras brasileiras, a própria política oficial da Coroa, em certos períodos, proporcionava o apagamento das origens culturais, não estimulando, com receio da sublevação, o agrupamento de escravos de mesmas origens, embora em outras épocas buscasse agregá-los para melhor os controlar." (PRANDI, 2000, p.56)

---

§ 1º Os currículos a que se refere o *caput* devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil. [...]

§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (Incluído pela Lei nº 13.006, de 2014)

Conteúdo disponível em: [http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em 08/08/2018.

O que nos faz pensar que muito na identidade cultural, nas características das diversas etnias africanas que foram se perdendo. Sendo assim, ao falar de cinema é preciso levar em consideração que mesmo para alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental há em diversos filmes questões que são totalmente desconhecidas e outras que geram grande polêmica como a religião africana.

Reginaldo Prandi (2000) em seu texto parte de um apanhado histórico sobre a trajetória dos africanos que chegaram ao Brasil, fazendo uma referência a diversidade étnica e a cultura, pois eles vieram em épocas diferentes e de grupos distintos. O autor coloca que ao chegar ao Brasil e decorrente do local onde eles fossem trabalhar, traços dessa cultura africana iam se perdendo. Como o período é longo, mais de três séculos de escravidão, a relação entre a cultura afro - descendente e a cultura africana foi se distanciando.

É nesse ponto que está a discussão, pois o tema agora é a identidade, esta que busca trazer a identificação com a África para a pesquisa, nesse contexto temos a religião que já vem tecendo esse elo há muito tempo, mesmo sendo a religião africana aqui no Brasil uma criação brasileira, pois sofreu reinterpretações e perdeu alguns traços mais africanos, porém ainda mantém a unidade nos antepassados e nesse aspecto está o resgate das tradições e a tentativa de afirmar a identidade partindo de uma origem comum. A religião acaba sendo um dos campos de conhecimento e resgate sobre a África e de identificação com o continente que desempenhou e ainda desempenha um papel muito importante atraindo inúmeros pesquisadores para esta área. Há muitos temas que precisam ser debatidos e pesquisados, são inúmeras as possibilidades de narrativas sobre história da África.

## **2. Metodologia**

O objetivo é trabalhar as narrativas históricas e as narrativas cinematográficas traçando um paralelo entre suas semelhanças, o que se torna um grande desafio, porque há um longo debate a ser feito, pois ao pensar a questão da narrativa temos que pensar também a dimensão literária presente no contexto da cinematografia, porém esse mesmo pensamento sobre a produção literária dentro da história pode causar estranhamento, como coloca Ricardo Benzaquen (1998, p. 225) "Consequentemente, quando se fala em narrativa, quando se insiste na ideia de que há um aspecto ou uma dimensão literária no trabalho do historiador, é inevitável que isso cause surpresa e até indignação".

Pensar a história como narrativa é criar um embate com a concepção moderna de que a história tem que se basear em documentos, um estudo do passado a partir da autenticidade dos

documentos, ou seja, a integridade desses documentos sem a interferência de quem os escreveu, um verdadeiro relato do fato (original) e levando em conta a correção, que é a sua comparação com outros documentos da época pesquisada visando atestar sua autenticidade.

Nessa concepção o passado deve ser apresentado tal qual aconteceu: com datas, fatos e sem interferência. Porém, deixa de considerar ou esquece que mesmo os documentos apresentam lacunas, passam por uma seleção a partir do interesse do historiador e de seu campo de pesquisa. É uma visão que acredita que o historiador seria capaz de reconstruir o passado tal qual ele foi. Um passado sem interferências, linear e de acordo com a cronologia dos fatos.

Há nessa visão tradicional da história uma desconfiança com relação a memória, a oralidade e a tradição. Estas não seriam plausíveis para a pesquisa, pois perdem sua conexão com o passado ao serem suscetíveis a inúmeras interferências. Benzaquen (1998) utiliza o termo: corrosão, que aumentaria com o tempo tirando delas a credibilidade. Tal credibilidade estaria presente somente nos documentos e estes subordinados ao rigor científico no que diz respeito a pesquisa histórica.

Essa discussão entre a história moderna, positivista e a visão narrativa da história ganhou fôlego, principalmente com os *Annales*<sup>5</sup>, assim como a inserção do trabalho com o cinema, tendo seus filmes como material de pesquisa a partir do trabalho de Marc Ferro<sup>6</sup>. François Dosse coloca que "A escola histórica francesa realizou plenamente o desejo expresso pelo sociólogo François Simiand de derrubar os três ídolos: o cronológico, o político e o biográfico" (DOSSE, 2012, p. 138). Alterando a maneira como a história pode ser narrada, reestruturando as muitas possibilidades da pesquisa histórica.

Uma provocação feita por Keith Jenkins em seu livro *A história refigurada: novas reflexões sobre uma antiga disciplina* (2014) pode parecer só uma forma de tirar do historiador seu ofício, mas creio que ele abre para as transformações que vivemos hoje, com relação a Historiografia, que é a busca por nosso lugar de fala, a busca para que a disciplina

---

<sup>5</sup> Para entender um pouco mais desse debate e da reviravolta cultural que fez o cinema entrar no campo da História e ganhar destaque com Marc Ferro o Capítulo 13 do livro de Josep Fontana traz um explicação que envolve o embate entre a história tradicional e a discussão sobre a validade da narrativa histórica. FONTANA, Josep. *A história dos homens*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 381 - 411.

<sup>6</sup> Marc Ferro (nasceu em 1924) é historiador e professor aposentado da École des Hautes Études Sciences Sociales (Paris). Autor de diversos livros e filmes, é considerado o pioneiro dos estudos da relação cinema-história, no mundo. Em 1974, na coleção coordenada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, Ferro, em seu texto *O Filme: uma contra-análise da sociedade?*, já considerava as produções fílmicas como documentos pertinentes para os historiadores. <http://www.oohodahistoria.ufba.br/marcferro.php>. Acesso em: 13 de agosto de 2018.

história permaneça nos currículos escolares, que professores façam parte da academia como pesquisadores e produtores de conhecimento, pois quando o autor diz que:

O passado sempre foi e sempre irá com qualquer um, sem sombra de ciúmes nem pitada de fidelidade permanente a uma determinada pessoa: hagiógrafos, antiquários, profissionais marxistas, annalistas, estruturalistas, fascistas, feministas, neorrankeanos pragmáticos - qualquer um pode tê-lo". (JENKINS, 2014, p. 21)

O autor aponta para uma disputa de espaços e de poder na relação com o passado, feita por vários grupos e sem que se tenha uma "posse" do mesmo, como coloca Jenkins. Nesse sentido, é aberto um grande campo para a pesquisa e a construção das narrativas a partir do seu *Dasein*, ou seja, interpretamos o passado da forma como vemos o mundo "Não há historiadores de mãos vazias, porque não há vazios de cabeça: o passado historicizado somos sempre nós - lá atrás" (JENKINS, 1994, p. 21), na prática estamos sempre dialogando a partir do presente e a partir do grupo a qual pertencemos, construindo nossas narrativas históricas.

Mas o que seria a narrativa? E por que ela causa tantos embates dentro da historiografia? Paul Ricoeur coloca "que existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal de experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural" (RICOUER, 1994, p. 85). Sendo assim, a narrativa histórica, a ficcional, a cinematográfica seriam uma forma de expressão da própria historicidade.

Não há como separar a narrativa do que é vivido e de seu tempo, "uma obra eleva-se do fundo opaco do viver, do agir, do sofrer, para ser dada por um ator, a um leitor que a recebe e assim muda seu agir". (RICOUER, 1994, p. 86) há uma interação entre a narrativa e a temporalidade, ou seja, a interação entre o texto, o autor, o leitor e o tempo vivido, não só por quem produz o texto, mas também pelo leitor e o resultado é um tempo construído pelos processos da narrativa e que pode ser também definido pelo tempo da linguagem. É a história narrada que cria e recria o mundo, que tece uma intriga. Podemos traçar aqui um paralelo com a narrativa cinematográfica na qual o texto ganha algo mais, pois ganha imagem, som e movimento.

A narrativa se dá em seu tempo e em comunicação com o outro, mas um outro receptivo a compreender o discurso, a pensar e interpretar o texto. Para Ricoeur "Compreender uma história é compreender ao mesmo tempo a linguagem do 'fazer' e a tradição cultural da qual procede a tipologia das intrigas". (RICOUER, 1994, p. 91) é uma articulação entre o que se narra, as experiências vividas e compartilhadas, mas não são só as

histórias narradas, mas também das não narradas, pois estas fazem parte da identidade do sujeito.

A questão da narrativa vem abrir espaço na historiografia para pensar o passado - presente - futuro, pois a comunicação (narrativa) é a fronteira entre as diversas possibilidades de pesquisa histórica. Essa concepção de tempo onde Ricouer situa o tempo narrado do historiador / professor, aquele que produz a narrativa, que transcreve a sua pesquisa e que parte de questionamentos ligados ao presente para dialogar com o passado.

Para Ricouer o tempo tornou-se o tempo humano a partir de sua narrativa, ao começar a desenvolver a intriga, ou seja, a escrita da história estamos utilizando o agir, a pesquisa e a compreensão prática de como fazê-lo através da linguagem e da temporalidade. Desta forma, a ligação da narrativa com a disciplina histórica não atribuí um caráter ambíguo à História, pois a historiografia não pode romper com a narrativa, mesmo a cientificidade da história tende a tomar o viés narrativo como procedimento.

Traçando um paralelo com a narrativa cinematográfica defendida por autores como Marc Ferro e Robert A. Rosenstone é necessário acrescentar que a invenção acaba sendo inevitável para manter a intensidade do relato, ou seja, da construção da trama, suas metáforas e seus processos que transitam entre o presente - passado - futuro, para Rosenstone "O mundo audiovisual une elementos que a história escrita separa." (ROSENSTONE, 1997, p. 53) o autor destaca que o audiovisual consegue interligar todos os aspectos do processo narrativo e não se furta de deixar evidente que há nesse processo uma construção narrativa, por vezes inventiva, mas que não são inverdades, pois os filmes "São novas vias para ver o passado. Novos caminhos para enfrentar os materiais do passado, para interrogar o passado a partir do e para o presente." (ROSENSTONE, 1997, p. 175), abrindo assim um campo na pesquisa acadêmica, novos debates e novas fontes possibilitando a inserção de outras tecnologias imagéticas digitais no ambiente historiográfico e no ambiente escolar.

A proposta da minha pesquisa de mestrado está baseada na utilização da linguagem cinematográfica em sala de aula para os alunos no Ensino Fundamental - primeiro segmento (3º ano) - tendo como objetivo inserir a temática História da África, dando ênfase a cultura e a questão de identidade, sendo assim, o cinema é a base de análise o que permite uma ampliação das fontes historiográficas.

Mas para esse trabalho é preciso entender que os filmes são produções humanas e por isso pertencentes a uma narrativa e uma temporalidade, utilizando aqui o conceito de Paul Ricouer, os filmes apresentados pertencem a determinados grupos (estúdio, produtores, diretores) e foram produzidos dentro de um determinado tempo histórico, ou seja, há uma

justificativa historiográfica para a sua produção, pois não se investe em um tema se dele não se pode obter retorno, essa questão está diretamente ligada as questões inerentes ao tempo vivido (ao presente). Cabe aqui um questionamento: Como entender o cinema e como ele age com a história?

Essa questão nos remete que analisar um filme vai muito além de definir a que gênero o filme pertence, mas é necessário entender o tema central da produção, o momento de lançamento, a equipe entre outros aspectos. Não é um trabalho simples de mera exibição em sala de aula, mas uma atividade que requer pesquisa e uma pesquisa voltada para a questão da narrativa.

Compreender a linguagem utilizada é importante, pois a mesma traz com ela vários significados, assim como todas as técnicas utilizadas pelo cineasta para trabalhar a noção de tempo que é colocado durante as cenas, a música, a forma como a câmera está posicionada, tudo é montado para ter um significado, para dar um formato à mensagem que se pretende passar.

São essas várias combinações que compõem um filme, que fazem parte dessa linguagem cinematográfica e que devem ser analisadas sempre que se trabalha com o cinema, porque tais mensagens não estão isoladas ou sendo produto de mera ficção. Elas estão inseridas em um contexto no qual “A questão do interesse do cinema como testemunho do mundo contemporâneo torna-se crucial” (LAGNY, 2009, p. 101), colocando em evidência o potencial do cinema para dialogar com o passado a partir do presente.

### **3. Resultados**

Aprendemos com os *Annales* que a história é feita a partir do presente, como ressalta Durval Muniz "O passado não possui verdades fechadas, mas está sujeito a permanente reelaboração de sua inteligibilidade a partir de questões que lhe são formuladas a partir das preocupações, das condições históricas do presente em que é interrogado, estudado e ensinado".(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 30) O que nos faz repensar o uso do cinema em sala de aula para elaboração da disciplina história. Mas o desafio nos faz pensar que o momento em que vivemos dita a urgência em se trabalhar mais a história da África, ou melhor, colocar efetivamente em prática a Lei 10639/03 alterada pela Lei 11.645/08 <sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Ambas estão disponíveis no endereço: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/> Acesso em: 13/08/2018.

É nesse universo infantil interligando a narrativa histórica e cinematográfica evocando memórias literárias sobre a África, trabalhando imagens e debatendo o porquê desse estudo é que pretendemos criar um ambiente de respeito às diferenças, um ambiente de tolerância e valorização da história, não só a coletiva, mas a individual. Partindo da premissa que:

O ensino de história, nos anos iniciais da formação de qualquer pessoa, tem também essa função do aprendizado da arte de contar, da arte de narrar. Além disso, pode-se aprender com a história a produzir beleza com a narrativa, a criar deleite e prazer estético com o uso das palavras e do passado. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 38)

Partindo do pensamento aqui elaborado por Durval Muniz o cinema nos dá inúmeras possibilidades de narrativas, ele é capaz de através de seus filmes abrir espaço para a atuação e pesquisa, não só do professor como também do aluno, possibilitando a criação de novas narrativas e quem sabe, de novos roteiros advindos desse tempo presente, despertando o interesse por produzir, por criar e adentrar nesse universo estético, mágico e de inúmeras possibilidades narrativas a partir da pesquisa histórica.

Partindo da análise fílmica, através da mediação do professor, os alunos tendem a trazer diversos questionamentos e a demonstrar o nível de compreensão que cada um já possui, alguns mais atentos as imagens e no caso da África, tanto os filmes de animação quanto os biográficos, essas imagens tocam em dois aspectos já pré - definidos no imaginário coletivo: a natureza (vegetação, os animais) e o aspecto econômico (a pobreza) , outros alunos tendem a dar atenção maior ao diálogo, aos sons e aos diversos temas que envolvem toda a ação fílmica e é nesse entrosamento que se dá o trabalho do professor junto aos alunos.

Creio que aqui cabe ressaltar a questão de entrosamento e análise a partir da narrativa cinematográfica no que diz respeito a ação, ou seja, a compreensão da história ali presente e dentro dessa busca pela compreensão é que se amplia a utilização dos filmes em sala de aula, pois ser capaz de compreender a tradição cultural, as transformações social, o processo histórico e a diversidade entre os povos é entrar em contato com a história narrada e produzir novas narrativas.

### **Referências Bibliográficas**

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Marcia; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luis; MONTEIRO, Ana Maria (org). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 21-39.
- BENZAQUEN, Ricardo de Araújo. História e narrativa. In: MATTOS, Ilmar R. de (org). *Ler e escrever para contar*. Rio de Janeiro: Access, 1998. p. 221-258.

- COELHO, Mauro Cezar; COELHO, Wilma de Nazaré Baía, “O ensino de História e os desafios da diversidade: a conformação da consciência histórica nos processos de implementação da Lei n. 10.639/2003”. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GOTIJO, Rebeca (org). *O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 283-303.
- DOSSE, François. *A história*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- JENKINS, Keith. *A história refigurada: novas reflexões sobre uma antiga disciplina*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FONTANA, Josep. *A história dos homens*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- LAGNY, Michèle. O cinema como fonte de história. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Org). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 99-126.
- MUNANGA, Kabengele. “Nosso racismo é um crime perfeito”. Revista Fórum, em 02 de fev. 2012.
- \_\_\_\_\_. “Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?” *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 62, pp. 20–31, 2015.
- PRANDI, Reginaldo. *De africano a afro - brasileiro: etnia, identidade, religião*. Revista USP. n. 46, São Paulo, 2000.
- RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. Vol. 1.
- ROSENSTONE, Robert. *El pasado en imágenes: el desafío del cine a nuestra idea de la historia*. Barcelona: Ariel, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- <http://www.oohodahistoria.ufba.br/marcferro.php>. Acesso em: 13 de agos. de 2018.
- <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/>Acesso em: 13 de agos. de 2018.